

Os Avanços Tecnológicos no Telejornalismo Brasileiro: de 1950 à Era Digital

Lívia Cirne de Azevedo Pereira*

Índice

1 Introdução	1
2 Desenvolvimento da televisão e do telejornalismo no Brasil	2
3 O surgimento da rede mundial de computadores e a televisão para a internet	6
4 O advento da TV digital e o novo telejornalismo	8
5 Considerações Finais	10
6 Referências	11

Resumo

No Brasil, o telejornal teve origem em 1950, num formato simples, sem muitos recursos audiovisuais. Contudo, ao longo dos anos incidiram transformações no modo do “fazer telejornalístico”, a partir dos avanços tecnológicos incorporados ao setor televisivo. Este estudo propõe traçar a evolução do telejornalismo referenciada pelo uso do *videotape*, a emissão de conteúdos

*Graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Tecnologia em Telecomunicações através do Centro Federal de Ensino Tecnológico da Paraíba (Cefet-PB). Estudante do Bacharelado em Rádio & TV, pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: liviacirne@gmail.com.

à distância, a difusão em cores, o início da televisão por assinatura, o surgimento da internet. Defende-se ainda que o advento de tecnologias propicia o desenvolvimento do telejornalismo. Destaca-se também a transformação da televisão, que atualmente está deixando de ser analógica, para tornar-se digital. Neste contexto, o artigo em questão objetiva trazer à discussão as significativas mudanças, concernente aos telejornais, revendo conceitos, e paradigmas.

Palavras-chave: Avanços Tecnológicos; História do Telejornalismo; Telejornalismo; Televisão.

1 Introdução

A televisão é o meio de comunicação de massa mais importante do mundo contemporâneo. Atualmente, os sinais dela podem chegar aos telespectadores através de três percursos: a) antena comum, que caracteriza o serviço gratuito, ou seja, a TV aberta; b) por cabo; c) parabólica apontada para um satélite (as duas últimas situações se enquadram em formas de transmissão paga). De acordo com Eliane Basso (2002), segundo dados da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão – Abert –, 85% dos

domicílios possuem pelo menos um televisor e mais de 92% destes domicílios recebem o sinal da TV aberta.

No Brasil, um país com elevadas taxas de analfabetismo, o telejornal é o principal – se não for o único – meio de informação para a maioria das pessoas. Através deste, as pessoas têm o contato com o mundo, o país, o estado e a sua cidade, fruto de um projeto soberano de performance que, concomitantemente, pode ser considerado instantâneo, à medida que o jornalista aparece na tela e concisamente dá a notícia. É também atracente, uma vez que se utiliza de outros recursos, além da locução, a exemplo das imagens fotográficas, vídeos e depoimentos.

Na atualidade, os telejornais veiculam as mais variadas notícias, comentários e outras informações relativas ao tempo, maré, esportes, que são produzidas por uma determinada emissora ou por uma rede. No tocante à abrangência, são construídos a fim de atingir um público de faixas sociais distintas, e podem ter alcance local ou nacional.

Além disso, o telejornalismo conquistou dentro da grade de programação das emissoras um horário estável com várias edições ao longo do dia, podendo em determinadas situações importantes ou de urgência, interromper outros programas para exibirem seus plantões.

Contudo, estas características não estiveram presentes no telejornalismo desde o início. Ao longo dos anos, muitas mudanças ocorreram advindas do surgimento de novas tecnologias desenvolvidas para a televisão. Logo, estas novidades passaram a ser incorporadas aos telejornais.

Os experimentos da tecnologia avançam, diariamente, para uma televisão mais moderna, o que proporciona novas sensações

aos telespectadores. Com melhores sons e imagens, variedade de canais e diversidade de recursos interativos, este modelo de transmissão está chegando ao mercado brasileiro para revolucionar a maneira de se assistir televisão.

O novo veículo produzirá efeitos semelhantes ao que podemos presenciar hoje na Internet. Com isso, aos poucos, a TV vem deixando de ser unidirecional, adquirindo um caráter bidirecional, com propriedades que possibilitam a transmissão da sua programação e de também recepção de conteúdos, caracterizando-se como interativa.

Esta nova televisão é a TV Digital, que já está em operação nos Estados Unidos, Japão, em diversos países da Europa, e tem trazido consideráveis avanços para o telejornalismo. O telejornal, por sua vez, diferentemente do que acontece atualmente no Brasil, proporciona total participação dos telespectadores. Estes, têm acesso à informações extras, enviam e recebem mensagens, participam de enquetes em tempo real, dispõem de variedade de vídeos com transmissão simultânea.

Em resumo, o discurso que estará presente no telejornalismo da TV digital no Brasil aponta para a idéia de que o telespectador desenvolverá uma postura mais ativa, participando da programação do veículo e até alterando o conteúdo a ser veiculado.

2 Desenvolvimento da televisão e do telejornalismo no Brasil

Ao importar equipamentos dos Estados Unidos, Assis Chateaubriand, dono do conglomerado de empresas de comunicação Diários e Emissoras Associadas, marcava a fase inaugural da televisão no Brasil. A primeira

transmissão data de 18 de setembro de 1950, através do canal 3 da TV Difusora, em São Paulo, que, dois meses depois, passou a ser designada TV Tupi. A primeira difusão foi assistida por meio de 200 aparelhos importados por Chateaubriand e espalhados pela cidade. A partir deste momento, o Brasil passou a ser o quarto país a possuir uma emissora de televisão, juntamente com os Estados Unidos, Inglaterra e França.

Como a televisão estava iniciando sua jornada e, portanto, ainda era uma novidade, foi-se buscar no rádio linguagem e produtos, além de profissionais do próprio rádio, do teatro e do jornalismo impresso. A priori, as empresas que patrocinavam determinados programas, na maioria das vezes, também os produziam ou eram produzidos por suas respectivas agências de publicidade, razão pela qual o nome da atração coincidia com o nome das empresas.

Nos dez primeiros anos, poucas transformações foram incorporadas ao setor. Podemos destacar, nesta fase inicial, o aumento de aparelhos televisivos em relação aos que constavam na data da inauguração, contudo ainda longe de se tornar popular devido ao alto custo. Além disso, novas emissoras começam a surgir, a exemplo da TV Paulista, TV Record e TV Excelsior, gerando a concorrência no mercado, no final da década de 1950. Isso possibilitou a expansão da TV para outras regiões não inseridas no eixo Rio–São Paulo, chegando até ao Nordeste.

O primeiro jornal brasileiro para TV foi o *Imagens do Dia*, sendo um dos programas regulares da TV Tupi e teve duração de apenas um ano. Estruturado num formato simples, as matérias eram escritas e lidas em entoação radiofônica. Algumas notícias tinham ilustrações por meio de filmagens em preto

e branco ou por fotos, sem som. Conservando este mesmo estilo simples e nos padrões de locução radiofônica, dois anos após o primeiro telejornal, lançou-se o segundo, intitulado de *O Que Vai Pelo Mundo*.

O primeiro telejornal de sucesso no Brasil foi o *Repórter Esso*, exibido diariamente às 19h45, durante o período de 1953 até 1970. Patrocinado pela empresa *Esso*¹, o telejornal era agenciado pela *United Press International* – UPI, que elaborava e entregava os rolos de filmes e o *script* prontos à emissora, restando ao apresentador apenas ler diante da câmera.

O *videotape* apareceu no final da década de 1950, introduzindo significativa mudança na maneira do “fazer televisão”. Mas devido à falta de conhecimento técnico no uso, só começou a ser utilizado com mais regularidade nos anos 60. Esse novo recurso viabilizou a melhoria no acabamento dos programas e permitiu a veiculação de um mesmo programa em vários locais do país, uma vez que os programas transmitidos ao vivo passaram a ser gravados.

Em abril de 1960, a inauguração de Brasília foi transmitida para todo o Brasil. A partir de então, o governo começou a investir na implantação de uma infra-estrutura para viabilizar as transmissões a distância, a fim de atingir um maior número de telespectadores.

Ao final dos anos 60, a chegada do homem à Lua foi transmitida, via satélite, pela TV Globo.

A Apolo XI havia entrado na órbita da Lua no dia anterior. Em edições extraordinárias, a TV Globo informava sobre as manobras de aproximação do módulo lunar. (...) Eram 22h56, horário de Brasília. A TV Globo

¹ Empresa fabricante de derivados de petróleo.

transmitia, sem interrupções, as imagens de Armstrong caminhando sobre a superfície da Lua. (...) A perfeição das imagens na transmissão foi tal que levou alguns telespectadores a duvidar de que o homem tivesse realmente pisado na Lua. (ZAHAR, 2004, p. 22 - 23)

As inovações tecnológicas vindas dos Estados Unidos da América e a técnica do *videotape* (gravação de som e imagem) que permitia maior movimentação dentro e fora do estúdio, incorporaram-se ao telejornalismo brasileiro. No dia 1º de Setembro de 1969 surge a primeira emissão jornalística em rede, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, que tornou-se líder de audiência e referência da imprensa nacional. Criado por Armando Nogueira, entrava no ar o primeiro noticiário transmitido para todo país, dando início às operações em rede e gerando um novo estilo de jornalismo.

Com o final da década de 60, o idealismo e a fase de aventura jornalística também finalizaram na televisão. As transmissões via satélite introduziram a época da comunicação instantânea com todo o planeta. (...) No Brasil, o melhor exemplo disso foi manifestado no *Jornal Nacional*, da TV Globo, iniciado em 1969, e que, a partir de 1970, via satélite, tornou-se o telejornal de maior audiência da história da televisão brasileira².

Nesse período de desenvolvimento da televisão em que a programação vai caindo no

² AMORIM, Edgard Ribeiro. *O Telejornalismo Paulista nas Décadas de 50 e 60*. Disponível em <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/ccsp/livros/pdfs/telejornalismo.pdf>>. Acesso em: 14 de junho de 2006.

gosto popular, o governo vai implantando órgãos com objetivo de regulamentar e organizar as difusões televisivas no país. É instaurado então, o Código Brasileiro de Telecomunicações, o Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), o Ministério das Comunicações e a Rede Nacional de Microondas.

Nos anos 70 e 80, o jornalismo conquistou maior espaço e relevância no veículo, não só pelas coberturas nacionais de grande repercussão social como também pelos avanços tecnológicos, a exemplo do grande alcance da comunicação via satélite, responsável pela transmissão ao vivo que causava deslumbramento nos telespectadores.

Em 1971, tem início a adequação de equipamentos e treinamento de profissionais para a execução da TV a cores e, no ano seguinte, a realização da primeira transmissão a cores da TV brasileira, tendo o *PAL-M*³ como o sistema adotado. A definição do novo padrão tecnológico da TV brasileira implicou numa melhora de qualidade nos cenários, figurinos, vinhetas, propagandas e etc.

Além do pioneirismo da difusão em cadeia nacional, o *Jornal Nacional* destacou-se por marcar o início da apresentação das reportagens em cores. Foi também, o primeiro a expor, via satélite, reportagens internacionais no momento real dos acontecimentos.

Diante do progresso tecnológico e do apoio governamental através de créditos e contratos, a tevê passou a nacionalizar sua

³ Em uso apenas no Brasil, é uma variação do padrão alemão PAL que utiliza 30 quadros por segundo em vez de 25, e 525 linhas de resolução vertical em vez de 625.

programação, substituindo as produções estrangeiras por produções brasileiras.

Dos anos 70 aos anos 90, a televisão passa por relevantes etapas descritas por Sérgio Mattos (1990) como: “Fase do Desenvolvimento Tecnológico” (1975 a 1985) e; a “Fase da Transição e da Expansão Internacional” (1985 a 1990).

O término da censura marcou a “Fase da Transição e da Expansão Internacional”. Esta teve como característica a grande distribuição de concessões de emissoras a políticos e empresários. Neste mesmo período, segundo Mattos (1990), obteve-se acréscimo em relação à concorrência e exportação para o mercado internacional.

Os anos de 1980 são marcados pelo crescimento desse meio de comunicação graças ao número grandioso de aparelhos receptores em residências. São destaques ainda desta etapa a uniformização dos programas no país, a consolidação do sistema de transmissão em rede, o início das produções independentes para TV e o fascínio provocado com o aparecimento do videocassete.

Entre o final dos anos 80 e início dos anos 90, o telejornalismo sofre uma inovação com a veiculação do primeiro jornal comentado, nos padrões emblemáticos dos telejornais americanos – o *TJ Brasil*. Apresentado por Boris Casoy, este jornal marca uma nova fase dos telejornais que libertam-se das amarras oficiais e expandem seu universo temático (HOINEFF, 1996).

É ainda nesse período que alguns telejornais começaram a transformar a notícia em um espetáculo, através da utilização de linguagens e principalmente imagens que chamavam a atenção do telespectador, antes pela emoção, do que pelo conhecimento.

A década de 90, segundo Mattos (1990),

foi marcada pela “Fase da Multiplicidade da Oferta”, devido à pluralidade dos canais de informação na televisão paga. Nesta época que se tornou efetiva a implantação dos sistemas de TV a cabo no país, permitindo que o telespectador tenha acesso a um número de canais que pode ultrapassar em números, a oferta da programação de mais de 100 emissoras. Além disso, a tevê por assinatura acaba dispondo programações que respondem aos interesses específicos de diversos segmentos de telespectadores.

Apenas em 1995 foi promulgada a Lei de TV a Cabo, N° 8.977. Em meados desta data, a TV por assinatura ainda era praticamente embrionária em virtude do número restrito de cidades onde era ofertado esse serviço. No entanto, apenas uma minoria tinha acesso a esse serviço devido aos altos custos das assinaturas.

Com a popularização da TV a cabo, o telespectador mais exigente e com maior poder aquisitivo celebrou um significativo ganho no que diz respeito à escolha, tendo uma numerosa diversidade de canais à sua disposição.

A velha televisão morreu e uma nova televisão acaba de nascer. Os responsáveis pela morte de uma e pelo nascimento de outra são os mesmos: a revolução nas tecnologias de distribuição de sinais e o desenvolvimento de digitalização. [...] A segunda abriu espaço para que todos os canais pudessem trafegar; reestruturou os mecanismos de produção e criou condições para que a televisão respondesse efetivamente ao comando do espectador, passando a ser programada por ele, em vez de programá-lo. (HOINEFF, 1996, p. 15)

Com o surgimento das primeiras concessões de TV a cabo, ou TV por assinatura

(*narrowcast*), teve origem o primeiro canal de assinatura do país, o *Canal Plus* (VALIM, 1998). Face à essa nova era da informação, em 15 de outubro de 1996, surge o *Globo News*, primeiro canal brasileiro de jornalismo com notícias 24h no ar.

O telejornal da *Globo News*, de destaque até os dias atuais, o *Em Cima da Hora*, é caracterizado pelo dinamismo e agilidade, trazendo à tona o resumo do que acontece no cenário brasileiro e no mundo. Ao longo das emissões, novas reportagens são adicionadas e as informações difundidas anteriormente são atualizadas, revelando-se mais dados. Além disso, o canal de jornalismo 24 horas, disponibiliza que os seus assinantes participem de amplos debates e tenham acesso à cobertura mais profunda, das notícias.

A cada jornal, os temas principais do dia são ampliados, atualizados e, quando necessário, comentados, de forma que o assinante receba sempre uma informação a mais, com vários enfoques e visões diferenciadas. Algumas reportagens são reapresentadas propositalmente em todos os jornais, para que o assinante que estiver ligando a televisão naquele momento possa receber um jornal completo, de política e economia ao noticiário internacional e de esportes. É assim que funcionam as emissoras de jornalismo 24 horas em todo o mundo. (PATERNOSTRO, Vera Íris, 2006, p.48)

Dessa forma, os sistemas de TV a cabo, diferentemente da TV aberta, foram propiciando aos telespectadores: uma maior aproximação dos conteúdos exibidos; informação a todo tempo; e, maior programação devido à variedade de canais. Além disso, permitiam a intervenção desses usuários em alguns programas através de ligações telefônicas.

Diante das novidades tecnológicas apresentadas pelo moderno sistema de TV, as emissoras de televisão que transmitiam em sistema aberto se viram forçadas a ingressar nesse novo mercado atrativo para o telespectador, passando a incorporar a fórmula da participação do espectador na execução e veiculação dos programas.

Assim, a década de 1990 ficou marcada pela criação de programas televisivos que propiciavam maior proximidade do telespectador. Os programas começaram a criar enquetes e jogos, por exemplo. Nesse contexto, começou a se identificar a participação do telespectador através de telefonemas, fax e futuramente, *e-mail*.

3 O surgimento da rede mundial de computadores e a televisão para a internet

A Internet surgiu no século passado e hoje tem atingido um nível elevado de penetração em todos os campos da sociedade. Segundo dados de pesquisa realizada pelo Ibope para o Jornal Folha de São Paulo⁴, 52% dos brasileiros de classe alta e escolaridade superior têm acesso à Internet diariamente. O alto percentual revela a possibilidade de se conectar à Internet nos mais diversos locais.

A Internet, embora exista há mais de 20 anos, está em uso comercial no Brasil desde os anos 90. A partir de então, tem evoluído precisamente no tocante à velocidade e quantidade de informações disponibilizadas. A cada ano, são incorporadas novas funções à

⁴Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20059.shtml>>. Acesso em junho de 2006.

rede mundial de computadores⁵ como, por exemplo: conversar com outros usuários; ouvir e copiar músicas; jogar; etc.

Neste contexto de ofertas inovadoras, a televisão também começa a conquistar seu espaço. Surge, então, a *WebTV* ou a TV para a Internet que podemos considerar como uma convergência entre a televisão e a Internet. Trata-se da possibilidade de ter programas televisivos chegando às nossas casas através do monitor do computador. Face a esta convergência, alguns *sites* de notícias aproveitaram para fazer uso deste novo estilo de veicular as informações, a fim de conquistar cada vez mais seu público.

De igual maneira, emissoras de televisão também encontraram uma forma de atrair seu público. Passaram a disponibilizar o conteúdo de alguns programas em suas páginas na Internet. Com isso, os usuários podem assistir a determinado programa na TV e depois revê-lo, através da Internet.

A primeira experiência em *WebTV* da qual temos registro foi desenvolvida pela *TV Terra*⁶, inaugurada em 2000. Na grade de programação constavam apenas videoclipes e *trailers*. Atualmente, observa-se uma programação eclética composta também por esportes, culinária, músicas, shows, entrevistas. Todavia, as maiores produções multimídias⁷ são os telejornais apresentados dia-

⁵ Rede mundial de computadores ou Internet.

⁶ Portal de notícias (<http://www.terra.com.br>) que disponibiliza recursos de TV.

⁷ “Multimídia ou Multimídia é a combinação, controlada por computador, de pelo menos um tipo de *media* estático (texto, fotografia, gráfico), com pelo menos um tipo de *media* dinâmico (vídeo, áudio, animação) (Chapman & Chapman 2000) e (Fluckiger 1995)”. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Multim%C3%ADdia>>. Acesso em junho de 2006.

riamente, que inovam o “fazer jornalístico” através de um dos maiores recursos que este tipo de TV propõe: a interação emissor-receptor.

No que concerne ao “fazer jornalístico”, de acordo com Suzana Barbosa (2001), “a digitalização da informação instaura uma nova era para o jornalismo”, que, na contemporaneidade, tem modificado a produção e a distribuição de conteúdos, do processo de redação jornalística aos modelos de matérias.

Com intuito de convergir todas as mídias, surgiu, em 2002, a primeira emissora de TV do mundo criada exclusivamente para Internet, a *AllTV* (<http://www.alltv.com.br>). A inovação gerou um novo conceito, trazendo como prioridade a possibilidade de ampla intervenção do telespectador, que veio a participar com perguntas, sugestões, comentários, através de salas de bate-papo.

As vinte quatro horas ininterruptas de programação estão divididas em doze horas de jornalismo e doze horas de variedade, incluindo a exibição da primeira novela para Internet, em que as pessoas que acessavam ao site podiam opinar nos capítulos da novela. Estes eram modificados a partir dos gostos dos ‘telespectadores’.

Não seria exagero dizer que o grande diferencial (e o mais interessante) da “All TV” é realmente o quesito, a capacidade de interação (instantânea) entre internautas, apresentadores e entrevistados, por meio da linguagem não-verbal e do *chat* (bate papo). Uma vez que os formatos ainda não foram “desbravados”, essa é a ferramenta utilizada pela All TV para buscar a verdadeira identificação com a *Webtv*. (VELHO, 2004)

A interatividade, a informalidade, a improvisação e o fato de quase todos os progra-

mas serem no formato “entrevista” fizeram o sucesso desta televisão e, ao contrário da maioria dos casos, a All TV surgiu primeiro na Internet para depois ser adaptada para a TV a cabo, em São Paulo (VELHO, 2004).

Quanto ao destino da *Webtv* ainda não existe previsão. Não obstante, entendemos que a TV para Internet privilegia a democratização da comunicação, uma vez que dá liberdade ao internauta⁸ não só de opinar, mas também de se inserir no mercado como produtor independente, tendo em vista, a facilidade de se transmitir na rede. Contudo, o acesso ao computador e à Internet ainda é restrito a uma minoria e não atinge às pessoas de todos os segmentos sociais.

Desde 1994, a TV digital entrou na pauta das discussões sobre o desenvolvimento tecnológico e a democratização dos meios de comunicação no Brasil. Esse veículo, em linhas gerais, é um sistema de transmissão semelhante ao utilizado no computador. Agrega imagens com resolução em alta definição e som digital similar ou até melhor que os padrões de cinema. Além disso, o espectador usufrui de grande poder de interação e numerosa diversidade de canais. Segundo Becker & Montez (2004, p. 137):

As primeiras pesquisas brasileiras sobre a TV digital foram feitas em 1994 pela Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão (SET) e a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert). Desde então, um grupo de pesquisa formado a partir dessas duas associações estuda a passagem do atual sistema de radiodifusão analógico para o padrão digital. O grupo tem acompanhado, estudado e avaliado os sistemas de TV digital

⁸ Usuário da Internet.

desenvolvidos no mundo, além de observar sua implantação nos diversos países.

Em 29 de junho de 2006, foi assinado o decreto N° 4.901 oficializando a escolha do padrão de TV digital que servirá de base para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital – SBTVD, e que prevê o fim das transmissões analógicas em dez anos.

Sendo assim, com essa possibilidade, inovações tecnológicas serão incorporadas à maneira de se fazer e ver televisão, e, neste sentido, a forma de fazer telejornalismo, bem como a de se assistir, também sofrerá mutações. Acreditamos que no Brasil o jornalismo na TV digital representará uma revolução nos moldes de produção e na forma em que as notícias serão distribuídas passando a exigir dos profissionais de comunicação que atuam na TV – jornalistas, produtores, câmeras, redatores, etc – novos conhecimentos e habilidades técnicas.

4 O advento da TV digital e o novo telejornalismo

De acordo com o professor da UFPB e coordenador do *FlexTV*⁹ Guido Lemos (2005), em entrevista, a televisão convencional é unidirecional, pois “na estação de TV tem a equipe que prepara o programa, que tem uma seqüência linear e, esse programa é enviado para a casa das pessoas”.

⁹ Consórcio formado com o objetivo de desenvolver o *middleware* (responsável pelos serviços interativos) para o Sistema Brasileiro de Televisão Digital. É integrado pelo Lavid–UFPB, Cesar–PE, PUC– J, Dimap–UFRN, Mackenzie, INF–UFG, LSI–EPUSP, Larc–EPUSP, CIN–UFPE, Sidia–AM, Itaotec–Philips–SP.

A digitalização dos sinais conduz à reinvenção da televisão, caracterizada principalmente pela intervenção do telespectador, encorajando-o à personalização na escolha da programação conforme seus gostos. É o rompimento dos paradigmas atuais de transmissão promovendo transformações radicais no processo comunicativo, a partir dos novos recursos tecnológicos.

A TV interativa consiste justamente em uma televisão com serviços de um computador (fato conhecido por “hibridismo”), tornando-a um conglomerado de tecnologias e informações onde o espectador exerce influência ativa sobre a programação e aguarda com expectativa, um retorno às suas indagações.

A televisão, que contará com a participação completa dos espectadores, traçará uma revolução midiática, tanto no modo de fazer quanto na estrutura da programação. Essa revolução está diretamente associada aos desenvolvimentos tecnológicos que possuem o potencial de emitir maior quantidade de dados por segundo.

Partindo do conceitual e alcançando a prática, a televisão interativa ainda é uma novidade e por isso estão sendo desenvolvidos estudos, aplicações e ferramentas que determinem o alcance interativo dessa nova mídia. Tão grande é a potencialidade que muitos serviços e aplicações ainda nem foram idealizados.

No entanto, mesmo assim, diante de tantas possibilidades interativas que este novo modelo pode oferecer, será impossível o telespectador continuar desempenhando seu papel de mero receptor. A TV assume caráter bidirecional, com características próprias, congregando serviços de outras mí-

dias, como a diversidade de recursos da Internet.

O telejornalismo, pouco a pouco, também está se desenvolvendo neste conjunto repleto de mutações. O avanço é constatado pela incorporação de modernos e sofisticados equipamentos nos setores de imprensa, pela aquisição de aparelhos de filmagens digitais e uso de ilhas de edição não-lineares.

Os atuais programas jornalísticos da televisão já têm inovado bastante no quesito tecnologia. Um exemplo evidente são as coberturas das guerras em toda parte do mundo, em que, às vezes, o telespectador pode visualizar em tempo real o que acontece no local do conflito.

Outro exemplo foi o que aconteceu, em julho de 2006, na Copa do Mundo na Alemanha: telejornais estabeleciam *link* direto com a Alemanha e, em cadeia, os noticiários eram apresentados alternando entre emissões da redação e de unidades móveis da emissora. Os correspondentes revelavam informações dos locais de jogos, realizavam entrevistas ao vivo com jogadores e mostravam os torcedores.

Usando filmadoras portáteis, repórteres podem “entrar no ar” a qualquer hora, ao vivo, para relatar últimos acontecimentos. Ainda na Copa do Mundo, segundo portal de notícias IDGNOW (<http://idgnow.uol.com.br>¹⁰), a Rede Globo divulgou que seus jornalistas poderiam fazer uso inclusive de aparelhos celulares para improvisarem, através de vídeo, entradas em tempo real. Obviamente, as imagens captadas pelo celular ainda deixam a desejar no tocante à qualidade. Porém, é um

¹⁰Acesso em: julho de 2006

instrumento de comunicação que cabe no bolso.

Essa convergência entre as mídias levanta outra questão: atualmente, o celular, por exemplo, é um aparelho popular. Dessa forma, há a possibilidade do telespectador estar desempenhando a função do jornalista. Do outro lado da tela, esse telespectador pode colaborar tanto na agilidade, como na qualidade e quantidade das informações veiculadas através do envio direto de materiais.

Experiências similares estão sendo vivenciadas por alguns portais brasileiros, a exemplo do Terra (<http://www.terra.com.br/vcreporter/>) e do Globo.com (<http://oglobo.globo.com/participe/>), que criaram a “seção de jornalismo participativo”. Nestas seções o internauta participa através do e-mail ou do celular e pode fazer o seu “flagrante de notícia virar manchete”, enviando textos, imagens, vídeos e áudios de caráter noticioso.

De forma semelhante, os jornais da TV digital também provocarão este fascínio. Os espectadores também poderão estabelecer contato e trocar idéias com os jornalistas e com os outros telespectadores, como acontece na *Webtv* interativa AllTV (<http://www.alltv.com>). Soma-se também a isso, a capacidade de optar por programas à *la carte*¹¹.

Para superar la dictadura del emisor, el teleperiodismo interactivo pone en contacto al periodista de televisión con los espectadores

¹¹ A expressão “*a la carte*” é francesa e teve sua origem na gastronomia. No entanto, atualmente é utilizada para designar os mais diversos tipos de escolha de serviços baseados num *menu* interativo, por exemplo.

a través de un sistema de *chat*. De esta forma, los televidentes pueden intervenir en el reporte de la información o en el momento de realización o grabación de las piezas. (VARELA, 2004)

Tais inovações tecnológicas no campo da comunicação propiciam novos efeitos que obrigam o profissional de jornalismo a reconduzir sua maneira de trabalhar. Embora o processo de digitalização da televisão no Brasil tenha se desenvolvido mais lentamente que nas nações avançadas, os efeitos tanto na forma de emissão como na produção televisiva tendem a ser equivalentes aos causados nos outros países que primeiro implantaram a TVD.

5 Considerações Finais

Diante do que foi exposto, podemos afirmar que, desde a inauguração da televisão no Brasil, em 1950, a primeira importante mudança só foi constatada nos anos 70, com o ganho das imagens coloridas. No entanto, pouco a pouco a TV sofreu transformações na estrutura de programas e, nos dias atuais, tem possibilitado cada vez mais, a participação dos usuários nos programas, mesmo que de forma indireta.

Os telejornais estão à procura de um maior envolvimento entre o telespectador e a notícia, e que o primeiro participe do processo de elaboração destas. Os programas jornalísticos estão, portanto, percebendo a necessidade de inserirem características de interatividade na produção noticiosa.

Como a televisão é limitada pela tecnologia, a única maneira encontrada para permitir que o telespectador estabeleça contato com a emissora é fazendo uso de ou-

tro meio, como é o caso do telefone e principalmente da Internet. Porém, segundo o professor Guido Lemos, em entrevista concedida ao jornal O Norte Online (<http://www.onorteonline.com.br/>¹²), apenas 20% da população brasileira tem acesso a computador.

Contudo, os avanços da ciência no campo da informação, apontam para uma nova revolução na TV. É nesta situação que surge a TV Digital, dispendo de tecnologia com canal de retorno integrado, propiciando a todos o acesso igualitário à informação. Com esse novo modelo de televisão, não é necessário que o telespectador tenha que se dirigir ao computador para utilizar os serviços citados anteriormente. O televisor disponibilizará todos esses recursos.

6 Referências

- AMORIM, Edgard Ribeiro de. *O telejornalismo paulista nas décadas de 50 e 60*. Disponível em <<http://www.centrocultural.sp.gov.br/ccsp/livros/pdfs/telejornalismo.pdf>>. Acesso em: junho de 2006.
- BALDESSAR, Maria José. *A mudança anunciada: O Cotidiano dos Jornalistas e a Revolução Informativa*. Dissertação de mestrado. UFSC, 1998. Disponível em <http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/a_mudanca_anunciada_dissertacao.pdf>. Acesso em: setembro de 2006.
- BARBOSA, Suzana. *Jornalismo Online: dos sites noticiosos aos portais locais*. In: *Labcom - Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online*, Covilhã, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=barbosa-suzana-jornalismo-online.html>. Acesso em: junho de 2006.
- BASSO, Eliane Fátima Corti. *Comunicação local na TV paga*. In: *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 28. 2005. Rio de Janeiro. Anais. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.
- BECKER, Valcedir e MONTEZ, Carlos. *TV digital interativa: conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil*. Florianópolis: I2TV, 2004.
- BOLAÑO, César e VIEIRA, Vínicius Rodrigues. *TV digital no Brasil e no mundo: estado da arte*. In: *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, vol. 6, num. 2. 2004. Disponível em <<http://www.eptic.com.br>>. Acesso em: junho de 2006.
- HOINEFF, Nelson. *A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes*. Rio de Janeiro: Comunicação Alternativa: Relume Dumará, 1996.
- JOLY, Ana Vitória. *A interatividade na Televisão Digital - um estudo preliminar*. Universidade Federal de São Carlos, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/joly-ana-interatividade-tv-digital-port.pdf>>. Acesso em: julho de 2006.
- LUARTE, Alfredo García. *Desafíos del periodismo televisivo chi-*

¹² Acesso em: setembro de 2006

- leno en la era digital*. Santiago: Pulso, 2002 Disponível em <<http://www.pulso.org/Espanol/Nuevos/tvdigitalchile020208.htm>>. Acesso em: agosto de 2006.
- MATTOS, Sérgio. *Um perfil da TV brasileira: 40 anos de história*. Bahia: A TARDE, 1990.
- MATUCK, Artur. *O potencial dialógico da televisão*. São Paulo: Annablume, 1995
- MORAN, José Manuel. *A interatividade na televisão e nas redes eletrônicas*. São Paulo. Relatório de Pesquisa para o CNPQ. USP, 2002.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*, São Paulo: Campus, 1999.
- REPÓRTERES da Globo usam celulares 3G para fazer entradas ao vivo na Copa. IDGNOW, São Paulo, 05 junho 2006. Disponível em <http://idgnow.uol.com.br/telecom/2006/06/05/idgnoticia.2006-06-05.3977111765/IDGNoticia_view> Acesso em: junho de 2006.
- RODRIGUES, Marta Elizabeth. *TV digital no Brasil: Breve histórico e entrevista com Guido Lemos*. 2005. Disponível em <<http://www.insite.pro.br/Entrevista%20de%20Mta.htm>>. Acesso em: setembro de 2006.
- VARELA, Juan. *Teleperiodismo Interactivo*. Espanha. 2004. Disponível em <<http://periodistas21.blogspot.com/2004/08/teleperiodismo-interactivo.html>>. Acesso em: agosto de 2006.
- VELHO, Ana Paula Machado. *À procura de uma linguagem para o jornalismo na webtv: uma análise introdutória*. UFBA, 2004. Disponível em <<http://www.webjornalismo.com/sectio ns.php?op=viewarticle&artid=94>>. Acesso em: junho de 2006.
- ZAHAR, Jorge (ed). *Jornal Nacional: a notícia faz a história*. Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- 52% da classe alta acessa internet todo dia. *Folha Online*, São Paulo, 24 maio 2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20059.shtml>>. Acesso em: junho de 2006.

Sites

- <http://www.alltv.com.br>
Acesso em: junho de 2006.
- <http://www.terra.com.br/>
Acesso em: junho de 2006.
- <http://www.terra.com.br/vcreporter/>
Acesso em: setembro de 2006.
- <http://oglobo.globo.com/participe/>
Acesso em: setembro de 2006.
- <http://www.onorteonline.com.br>
Acesso em: setembro de 2006.